

O RAPAZ E A GARÇA (2023)

Hayao Miyazaki

Duração: 183 minutos

Muito se especulou sobre a aposentação do lendário realizador de animação Hayao Miyazaki (宮崎駿, 1941-), cofundador dos Estúdios Ghibli a par do falecido Isao Takahata. Após um hiato de dez anos, o realizador voltou ao ativo em 2023 com *O Rapaz e a Garça* (君たちはどう生きるか, cujo título em japonês significa literalmente “Como vivem vocês?”).

Esta obra, premiada com o Óscar de melhor obra de animação em 2024, é inspirada por um romance homónimo de 1937 e da autoria de Genzaburō Yoshino. O filme apresenta uma síntese da fantasia onírica e da introspeção autobiográfica, servindo como afirmação da maturidade do realizador e transcendendo os códigos estabelecidos do cinema de animação contemporâneo.

A história acompanha Mahito Maki, um rapaz de onze anos cuja vida é subitamente virada do avesso pela Segunda Guerra Mundial. Após a morte trágica da mãe num incêndio hospitalar causado pelos bombardeamentos aéreos, o rapaz vê-se forçado a abandonar Tóquio e a integrar uma nova realidade familiar, com a chegada da madrasta, mudando-se para uma mansão no campo. É neste contexto de luto e adaptação ao novo meio que surge a figura enigmática da garça-real. O animal é uma entidade liminar que serve de ponto de ligação entre o mundo dos vivos e um universo paralelo povoado por seres fantásticos, memórias ancestrais e cenários hipotéticos.

Este mundo fantástico para onde Mahito é transportado não obedece às lógicas causais da aventura heroica convencional. Aqui, estamos no domínio das associações livres do inconsciente, das metamorfoses do sonho e sobreposições temporais da memória. Cada sequência é um palimpsesto visual onde se inscrevem ecos da mitologia japonesa, referências à literatura ocidental e uma cosmogonia pessoal. Esta é também uma marca de autor, de um estilo que o realizador refinou ao longo de décadas de trabalho.

Do ponto de vista técnico, Miyazaki e a sua equipa rejeitam deliberadamente os facilitismos da animação digital, privilegiando técnicas artesanais que conferem a cada fotograma uma textura tátil, quase respirante. Os cenários oscilam entre o hiper-realismo documental das sequências no Japão rural da década de 1940 e a estilização expressionista do mundo fantástico, criando uma tensão visual que espelha o estado psicológico fragmentado do protagonista.

É particularmente notável a forma como Miyazaki utiliza o silêncio e os espaços vazios como elementos narrativos fundamentais. O cinema japonês tem uma relação de longa data com o conceito de *ma* (間), o intervalo ou interstício preñado de significância, ideia igualmente incontornável na arquitetura tradicional nipónica. *O Rapaz e a Garça* demonstra mestria na utilização destes recursos. As pausas entre diálogos, os planos contemplativos da natureza e os

momentos de suspensão temporal funcionam como espaços de respiração onde o espectador pode processar estas camadas simbólicas da narrativa.

Em relação aos temas presentes, de destacar a representação da figura paterna. O pai de Mahito, Shōichi Maki, surge como uma figura complexa e ambígua: simultaneamente protetor e ausente, vítima e cúmplice das circunstâncias históricas. Esta caracterização reflete a própria relação de Miyazaki com a memória do Japão do pós-guerra, evitando simultaneamente o saudosismo acrítico e a condenação simplista dos atos praticados.

Uma outra dimensão fundamental do filme é a banda sonora. Composta por Joe Hisaishi colaborador de longa data do realizador, a música no plano de fundo providencia uma espécie de textura atmosférica para a trama que se desenrola no ecrã. As composições privilegiam timbres orgânicos e progressões harmónicas que evocam tanto a tradição musical japonesa como correntes mais experimentais da música contemporânea, criando um ambiente sonoro que amplifica, com o devido comedimento, a dimensão mística da narrativa.

O Rapaz e a Garça é, na sua essência uma obra sobre o ato criativo. O mundo fantástico que Mahito explora pode ser interpretado como uma metáfora desse mesmo processo de gerar a partir do nada: um espaço onde as leis da realidade se suspendem, permitindo a coexistência do passado e do futuro. Para Miyazaki, talvez a arte seja um tipo de magia alquímica que converte a perda em beleza, o sofrimento em sublimação, o caos em ordem...

Atualmente, o cinema de animação está crescentemente sujeito às lógicas industriais da produção em massa e da padronização estética. Por outro lado, *O Rapaz e a Garça* defende a singularidade do trabalho de autor e a paciência artesanal. Este filme não tem como objetivo o entretenimento ou a comoção efémera. É um convite ao espectador para contemplar e persistir na prática dessa mesma meditação, muito para além das poucas horas de duração.

Após a estreia de *O Rapaz e a Garça*, Miyazaki anunciou novamente a sua retirada do cinema. Ninguém sabe se, desta vez, será mesmo a valer. Mesmo que o seja, esta obra é indiscutivelmente o culminar de uma carreira dedicada à exploração das possibilidades expressivas da animação e uma reflexão madura sobre os mistérios da criação artística. “Como vivem vocês?” pergunta-nos. A pergunta apanha-nos desprevenidos, qual garça mística que nos aterra no telhado. Mas não há como lhe escapar; cabe a cada um de nós dar a sua resposta.

André Pinto Teixeira

Tradutor literário japonês-português

Japão Torna-Viagem 2025